

ANEXO 4 – Relatório de Avaliação

1. PRÁTICA EFICAZ DE GESTÃO EDUCACIONAL - “SABERES E PRÁTICAS FUNCIONAIS DE INCLUSÃO”

1.1 Histórico da Prática Eficaz – descrever como segue o programa/ prática e indicar a data de início das ações.

Para relatar este projeto, é imprescindível conhecer o que nos move - “o direito de todos a uma escola de todos”, sem exclusões e preconceitos.

Iniciamos no ano de 2005 motivados pela angústia que sentíamos diante do insucesso escolar de nossos adolescentes, crianças e das conseqüências negativas em decorrência dos mesmos. Era frustrante conviver com a repetência de alunos, situações de bullying, decepções e atritos familiares, baixa estima, evasão escolar e intransigência de professores. Tínhamos ainda que respeitar as exigências e preconceitos de algumas famílias para que a deficiência do filho não fosse informada aos professores e colegas de turma. Como justificar a turma e aos professores os diferenciais que alguns alunos necessitavam (uso de calculadoras, tempo maior para avaliação e acompanhamento individualizado)? Adotávamos algumas medidas consideradas hoje paliativas, que se restringiam a orientação dos professores, acompanhamento dos alunos de forma criteriosa e sigilosa e programas alternativos em prol de uma convivência mais harmoniosa.

Almejavamos um projeto inovador, com sustentabilidade, fundamentação teórica e exposto em bases legais. No ano de 2007 com uma equipe pedagógica estruturada nos dispusemos a estudar e a capacitar os professores. Buscamos assessorias, levantamos dados, analisamos e reformulamos documentos como Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico, entrevistamos pais e alunos e fizemos encaminhamentos à instituições credenciadas para a avaliação de alunos na época classificados como “portadores de necessidades especiais”.

Concluimos que, como ponto de partida e em caráter de urgência tínhamos que adaptar currículos e metodologias, introduzir sistema de avaliação diferenciada, instituir programas de apoio as famílias e conscientização dos professores do olhar diferenciado que muitos necessitavam. Por outro lado não podíamos perder o status que o Colégio Integral Poços possuía na comunidade de “Ensino Forte” e de “Qualidade”.

A escola iniciava neste momento uma proposta verdadeiramente inclusiva com uma feição mais “macro” onde os professores planejavam e conduziram à aprendizagem dos seus alunos como parte de uma equipe que pensa em resultados, acima de tudo qualitativos, fazendo-nos uma escola forte como um todo.

A partir da análise dos resultados obtidos, acertos e erros confrontados, relatos de pais e profissionais credenciados, hoje, em 2009, temos propostas implantadas de forma mais consistente e segura, com aspectos diferentes de acompanhamento e dentro das necessidades e habilidades individualmente apresentadas.

1.2 Objetivos da Prática Eficaz

Baseando-se que a diversidade é inerente a capacidade humana (culturas, raças, etnias) as Práticas Funcionais de Inclusão do Colégio Integral objetivam:

- Contribuir para a construção de uma escola e uma sociedade inclusiva e de convivência harmoniosa para todos os envolvidos no processo educativo.
- Proporcionar a todos os alunos o desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas e sociais.
- Propiciar estratégias, procedimentos e metodologias de ensino para a participação do aluno em todas as etapas do trabalho, com a finalidade de contribuir para o trabalho docente e a autonomia do aluno no processo de aprendizagem.

- Identificar as necessidades educacionais especiais dos alunos.
- Assessorar os pais no acompanhamento e entendimento das necessidades educacionais especiais de seu filho.
- Avaliar incluindo a perspectiva do aluno, com suas motivações, potencialidades, necessidades acadêmicas, habilidades sociais, habilidades de comunicação, habilidades motoras, nível de habilidades de auto-manejo e habilidades auto funcionais (JALVEY, 1989, MANZANO, 2001).

1.3 Público Alvo

Alunos, docentes, familiares e funcionários.

1.4 Descrição das Atividades Implantadas

1º) Observação e análise documental dos alunos:

- Ficha de matrícula;
- Histórico escolar;
- Ficha individual;
- Laudos, atestados clínicos e relatórios escolares ou circunstanciados.

2º) Elaboração de documentos:

- Relatórios informativos sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos matriculados (ANEXO I – MOSTRAGEM DO MODELO DO PROCESSO, MANTENDO EM SIGILO OS NOMES DOS ALUNOS).

- Formulação do Plano Pedagógico Inclusivo.

Esse instrumento obrigatoriamente articulado com o Projeto Político Pedagógico e indispensável para uma análise criteriosa da necessidade especial, sem o qual é impossível afirmar se o aluno precisa ou não de apoio especializado e individualizado, ou se apenas necessita de uma intervenção afirmativa na prática pedagógica da escola.

O PPI retratará todas as circunstâncias que condicionaram o desenvolvimento da aprendizagem do aluno (orgânica, psíquica, social e cognitiva), do relacionamento intra e interpessoal das questões relativas à comunicação e à afetividade dos alunos avaliados em todos os âmbitos e práticas sociais.

Este documento situa-se na perspectiva da educação inclusiva apresentando propostas que efetivam o trabalho pedagógico no processo de inclusão.

- Documentos que compõem o PPI:

a) Relatório circunstanciado com a família, que acompanhará toda a vida escolar do aluno. Será anexado ao Histórico Escolar em situações de transferências ou conclusão de nível de ensino (ANEXO II).

b) Processos de avaliação diferenciada:

a) para alguns casos, a serem indicados pela equipe da escola, a avaliação deve ser complementada com a contribuição de médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos ou outros profissionais através do aproveitamento das atividades desenvolvidas no acompanhamento do aluno.

b) avaliação individualizada, realizada preferencialmente por pedagogos, num enfoque dinâmico e presencial e dotando o aluno de recursos complementares como tabelas, calculadoras, dicionários e formulários.

c) avaliação de desempenho: modelo de avaliação informal desenvolvido sempre que necessário ao final de cada Bimestre e arquivado na secretaria escolar.

OBJETIVO: complementar, quando necessário, a média do bimestre dos alunos com necessidades educacionais especiais. Também se incluem, nessa condição, outros alunos como os que apresentam condutas típicas de distúrbios invasivos do desenvolvimento, os de altas habilidades/superdotados e as defasagens de ordem cultural e social.

JUSTIFICATIVA: esgotando todos os recursos e estratégias de avaliação propostas e o aluno não atingindo a média mínima do Bimestre, oportunizaremos esta atividade de avaliação individualizada. Os pontos atribuídos pelo professor na avaliação de desempenho serão somados às notas inferiores à media dando ao aluno a possibilidade de atingir a média do Bimestre.

NOME DO ALUNO

SÉRIE:

PROFESSOR:

VALOR: 10 PONTOS

BIMESTRE:

DISCIPLINA:

PLANILHA DE AVALIAÇÃO	
ATTITUDES A SEREM AVALIADAS:	NOTAS
Interesse pelas aulas	
Participação nas atividades propostas pelo professor e desempenho em sala de aula	
Desempenho individual pedagógico dentro de suas potencialidades	
Cumprimento das normas para a sala de aula	
Atitudes respeitosas e contribuição nas atividades em grupo	
Persistência para atingir seus objetivos.	
Pontuações em tarefas não dirigidas da iniciativa do aluno e relacionadas do aos conteúdos discipli	

c-) Informe pedagógico de devolutiva a pais, alunos e especialistas sobre a evolução dos alunos (ANEXO III).

3º) Adaptações necessárias de acessibilidade escolar

a-) Capacitações dos professores e equipe pedagógica:

Considerando-se que os professores, em sua maioria, não têm acesso garantido à literatura sobre avaliação e às questões que o tema tem suscitado, é de compreender que avaliem de forma inadequada, ainda que desejando fazer o melhor. Eles próprios mostram-se insatisfeitos com o uso de medidas, embora sem saber com clareza, como avaliar, o que avaliar e qual a função da avaliação, inclusive de suas próprias atividades, na prática pedagógica.

Para planejar o seu fazer pedagógico e estabelecer objetivos, o professor precisa conhecer as necessidades de seus alunos. Mas sua tarefa como permanente avaliador não se encerra na identificação das referidas necessidades pois, a partir do seu conhecimento, dentre outras, fazem-se necessárias, na escola, providências para: (a) reorientar o processo ensino-aprendizagem; (b) garantir formação continuada de todos os que trabalham na comunidade escolar; (c) prover os recursos necessários à melhoria da qualidade de sua resposta educativa (d) criar as condições necessárias à inclusão, a partir da mudança de atitudes frente às diferenças, pois a valorização da diversidade está na base de todos os movimentos pela inclusão (Dens, 1998).

b-) Adaptações físicas, estruturais e pedagógicas necessárias.

c-) Geração e/ou busca de apoios complementares, com atendimento psicopedagógico dentro do espaço escolar e com a terceirização de outros recursos.

4º) Acompanhamento do desenvolvimento do aluno e quando necessário a flexibilização e replanejamento das ações já citadas.

5º) Desenvolver redes de apoio

Contato com as instituições e/ou profissionais parceiros no atendimento dos alunos da escola continuamente observando e prevendo todos os aspectos envolvidos na aprendizagem.
(ANEXO IV)

6º) Uso de processos deliberativos garantindo a responsabilidade

Efetuamos reuniões semanais ou diárias conforme as necessidades, avaliando, reformulando ou realimentando as nossas ações. Não perdendo a nossa grande meta que é o desenvolvimento e a valorização das múltiplas inteligências, priorizando ou dando segurança ao trabalho e entendimento e interpretação dos resultados apresentados pelos alunos.

7º) Assistência técnica organizada e contínua

A escola conforme já citado implantou uma política educacional inclusiva, assim são gerenciadas pela diretora avaliações regulares onde são identificadas as necessidades de profissionais especializados que visam capacitar e/ou desenvolver um tipo de trabalho na área que necessite, além de atividades de enriquecimento curricular como por exemplo:

- Aulas de psicomotricidade, balé, sapateado, xadrez, teatro, robótica, capoeira, tênis e plantões de reforço das disciplinas do núcleo comum dos planos curriculares.

2. LIDERANÇA

2.1. Equipe Envolvida com a Prática – apresentar cargos ou funções. Indicar a área onde a prática Eficaz se situa.

O projeto “*Saberes e Práticas Funcionais de Inclusão*” é aplicado em todos os níveis da Escola desde a Educação infantil ao Ensino Médio. Abaixo segue os nomes das Coordenadoras responsáveis pelo acompanhamento em seu nível.

- 1- *Neuza Maria Figueiredo Mattos – Diretora Geral*
- 2- *Eliana Delgado Reis – Coordenadora de Educação Infantil*
- 3- *Betânia Teodora Tavares - Coordenadora de Ensino Fundamental I*
- 4- *Eliana Delgado Reis – Coordenadora de Ensino Fundamental II*
- 5- *Delma Negrini Araújo Ferreira – Coordenadora do Ensino Médio*
- 6- *Silvia Conceição Vieira Maia – Psicopedagoga*

2.2. Participação da Alta direção – Indicar como ocorre o envolvimento e o comprometimento da alta direção com a prática eficaz.

A Alta direção é representada pela Sra. Neuza Maria Figueiredo Mattos, diretora Geral exercendo uma gestão democrática e participativa.

Todos os recursos humanos, pedagógicos e financeiros tiveram o apoio e a sua iniciativa. Participa efetivamente de todo o processo, bem como de capacitações, congressos e seminários relacionados.

3. FOCO

Os focos da proposta “*Saberes e Práticas Funcionais de Inclusão*” são direcionados aos docentes, funcionários ao meio acadêmico e à comunidade escolar, pois, trabalhar com as diferenças

exige de uma escola comum, mais do que reestruturação curricular, metodológica, de práticas pedagógicas, e sim o envolvimento e a disponibilidade de todos os sujeitos sociais envolvidos no processo.

Porém, a essência do projeto é o aluno que ali está. Ele é o sujeito e não objeto, com todos os direitos de exercer a sua capacidade de aprendizagem. Cabe a comunidade docente e pedagógica auxiliá-lo nesse processo pois, na medida em que ele adquire consciência de suas potencialidades e de seus limites maior será sua capacidade de auto direcionar com tranquilidade e segurança não apenas sua vida escolar, mas sua vida social como um todo.

4. RESULTADOS

4.1 Formas de Avaliação

a-) A proposta foi elaborada a partir da observação das dificuldades apresentadas por alunos que não atingiam pré-requisitos mínimos para acompanhamento ou prosseguimento nas séries ou níveis escolares.

b-) As análises eram feitas baseadas em avaliação de provas mensais, gráficos de evolução, boletins escolares e relatos de professores e da família.

4.2 Orçamento

Os valores investidos correspondem aos salários de profissionais de contrato permanentes ou temporários na instituição (Psicopedagogas, Pedagogas e palestrantes).
Aquisição de acervo bibliográfico relacionado ao tema.

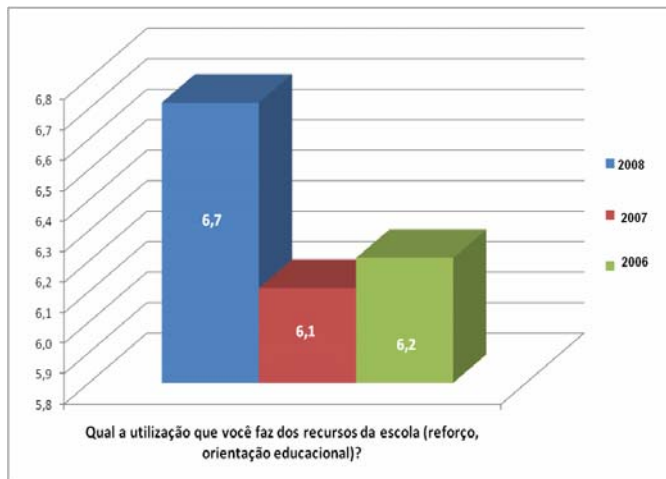
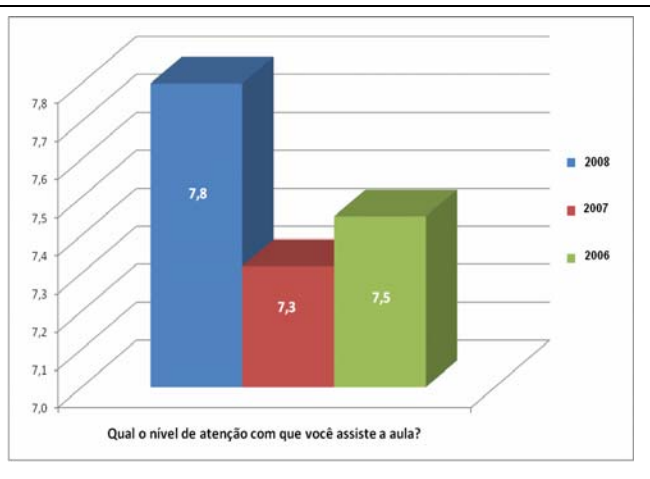
Para os itens 4.4, 4.5, 4.6, 4.7 e 4.8 os resultados foram comprovados com os recursos:

- Tabela comparativa de repetência e evasão escolar no período de 2005 a 2009;
- Conquista do status de escola inclusiva junto a comunidade local, estatística de matrícula de alunos portadores de necessidades educacionais especiais no período de 2005 a 2009:

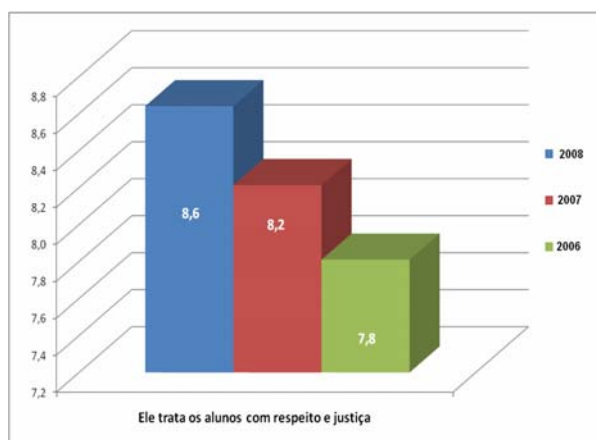
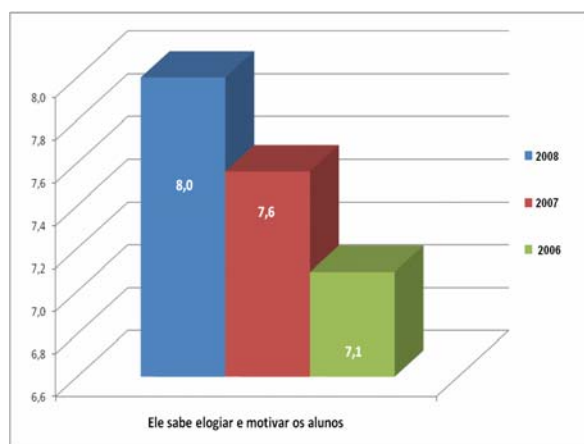
Ano letivo	Reprovados	Evadidos	Necessidades especiais
2005	09	00	01
2006	04	02	06
2007	03	00	10
2008	01	00	26
2009	---	---	29

- Avaliação Institucional, essa avaliação é efetuada pela rede de franquias e enviada a escola, os alunos respondem as questões de maneira sigilosa.

Item 1 -Auto Avaliação do Aluno



Item 2 - Avaliação do Grupo de Professores



Item 3 - DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA – POÇOS DE CALDAS

Quesito	2005	2008
Direção	8	8,5
Instalações físicas	7,2	7,5
Outros serviços	7,7	8,2
Auto-Avaliação do aluno	7	7,3
Material Didático	7,7	8

- Relatos de profissionais especialistas e familiares:

Relato de mãe de aluno do Ensino Fundamental II diagnosticado como disléxico.

Relato mãe: “Meu filho estava cansado, desestimulado, parecia que todos os problemas eram só dele, haviam várias queixas e era tudo confundido com falta de interesse. Depois que começou o trabalho diferenciado com ele na escola notei muita diferença na auto-estima e principalmente nas notas, que melhoram muito e melhorou também a socialização dele com os colegas e em casa, hoje entendemos perfeitamente que ele não é menos inteligente que os outros, a sua forma de demonstrar o que sabe que é diferente.”

Relato de aluno do Ensino Médio diagnosticado com dificuldades de Aprendizagem (Nível de aquisição)

Relato do aluno: “Tinha muitas dificuldades, achava que eu nunca ia conseguir. Gostei, muito de todo o trabalho feito através da escola, melhorou bastante as minhas notas, na leitura lia e não entendia nada, as novas práticas

me orientaram, fiquei mais seguro, uni as práticas da escola ao meu jeito de realizar, percebi que poderia realizar as atividades de outras maneiras e bem feito. Consegui até passar no vestibular na faculdade Federal.”

Relato de mãe de aluno do Ensino Fundamental II, matriculada no 6º ano e diagnosticada como portadora de dislexia.

Relato: Minha filha se encontrava estacionada com sérias dificuldades de escrita, e leitura, lentidão no raciocínio, trocas (t/d, v/f, p/b, c/g) era insegura e não queria fazer suas atividades. Não conseguia evoluir. Eu achando que era falta de cobrança de minha parte a pressionava ainda mais, a situação estava muito chata. A escola (professores) se organizou a partir das práticas que já estavam estruturadas de como proceder em todos os sentidos com a minha filha, nos trabalhos nas correções das atividades, na importância da auto estima. Mesmo assim a escola a encaminhou para uma avaliação com equipe multidisciplinar da Unicamp, ela apresentava todos os indicadores de Dislexia, o trabalho já iniciado na escola estava fazendo com que ela se organizasse nas dificuldades, e superação a baixa estima e retomasse o desenvolvimento da aprendizagem. As notas melhoram juntamente com a auto-estima e a sua posição perante todos os que a rodeavam.

5. LIÇÕES APRENDIDAS

Incluir não é dar atenção individualizada para cada aluno, e sim descobrir metodologias para que esses alunos desenvolvam as potencialidades e habilidades que possuem. Percebemos isso não por meio de livros ou referenciais teóricos, mas observando o cotidiano em nossa escola. O aluno L. matriculado na 1ª série do Ensino Médio portador de dislexia surpreendeu a todos durante uma aula de química sobre CC/CA, quando levantou-se, foi ao quadro e explicou todo o funcionamento de uma bateria de automóvel, seus conhecimentos eram superiores ao do seu professor.

O educador que trabalha com o aluno portador de necessidades educacionais especiais, deve valorizar essas potencialidades e não apenas focar as dificuldades, pois assim estará preparando o aluno para a vida e levantando a auto estima. A deficiência não é de quem vem, é do sistema que não está preparado para recebê-los, pois todo ser humano tem direito à dignidade, independentemente de suas capacidades ou realizações.

As necessidades educacionais especiais desses alunos devem ser vistas como desafios e não obstáculos. Um maior estímulo para que o professor aproveite essas oportunidades melhorando suas estratégias de interação, sua metodologia, sua prática, sua postura diante da profissão, tornando-se um melhor educador, não apenas para o aluno com necessidades educacionais especiais, como para os demais alunos da sala de aula.

Outro grande desafio também estava em preparar as famílias e os demais alunos a lidar com as diferenças individuais, o que nem sempre foi fácil. Um pai transferiu sua filha de 6 anos do Colégio, ao matricularmos uma portadora de Síndrome de Down na mesma sala de sua filha, com o seguinte argumento: “*Criança doentinha só é bonito na novela*”. A aceitação e a convivência harmônica se fizeram presentes em nosso ambiente escolar. O grupo de pedagogos foi a sala de 9º ano apresentar um novo aluno, portador de dislexia. Com muita sensibilidade apresentamos o aluno à turma afirmando que ele era muito bom em determinadas atividades, que teriam, por exemplo, um ótimo goleiro no time de futsal, mas que apresentava certas dificuldades na aprendizagem em matemática e língua portuguesa e por isso iríamos permitir que ele usasse calculadora e tabelas. Um dos alunos da turma questionou ao novo aluno: “*Isso pega? Porque se pegar, vou sentar sempre perto de você.*”

Talvez todas as classes deveriam se converter em classes “especiais”. Se fossem realizadas, em sua plenitude, as potencialidades do ensino por equipe, do agrupamento flexível, do ensino prescritivo ou clínico, dos centros de aprendizagem e professores de classe regulares melhores treinados (que estão mais dispostos e aptos a lidar com diferenças individuais).

6. AÇÕES DE CONTINUIDADE

Especificar qual o planejamento de continuidade da Prática Eficaz. Quais são as perspectivas e metas futuras.

Este documento não pretende ser diretivo, oferecendo respostas. É apenas indicativo e indutor de reflexões.

Alguns dos indicadores poderão servir para orientar professores, observadores externos e ao próprio aluno, mas todos os que estão apresentados ou a serem construídos, devem resultar de um trabalho coletivo e calcado no diálogo para que possa ser retomado e reescrito em busca de oferecer o melhor aos nossos alunos, de superar preconceitos e de construir os princípios de uma educação inclusiva.

As propostas implementadas nas Práticas Funcionais de Inclusão, são atividades que requerem manutenção a todo tempo e as propostas apesar de talvez serem as mesmas, deverão ter um novo olhar de acordo com aquele novo aluno, com sua cultura, atividade física e mental, familiar, ou seja particularidades próprias que nos requisitaria um planejamento e estabelecimento de ações e metas.

Nas ações já implementadas o importante é estar vigilante nos resultados e condutas de alunos, família e equipe escolar.

RELATO DE FATOS OCORRIDOS NO COTIDIANO ESCOLAR

R.F - 6 anos -2006- Déficit de Atenção

R.F. nunca conseguia pronunciar o nome da professora Cláudia e isso o frustrava demais, a ponto de deixá-lo nervoso e com raiva de si mesmo, até se autodenominando "burro". Fazia durante o dia inúmeras tentativas de pronunciar o nome, sempre sem sucesso. Quando em determinado dia, para surpresa da professora, R.F. chegou na escola e disse:

- Olha o que eu trouxe para você!

A professora, então, esperou para ver o que ele retiraria da mochila, foi quando de repente ele disse alto e em bom som para que todos pudessem ouvir:

- CALAUDIA, CALAUDIA, CALAUDIA!

R.F. assim repetiu o nome da professora por todo o resto daquele dia, por toda a semana e por todo o mês, até que de tanto treinar acabou acertando CLÁUDIA. Esse fato foi para o aluno uma grande vitória e a felicidade ficou estampada em seu rosto. Para a professora: grata recompensa!

Em certa ocasião ao passar pelas carteiras para a verificação de uma atividade utilizando a letra cursiva, a professora parou na carteira de R.F. e disse:

-Mas que linda está a sua letra cursiva R.F., logo, logo você estará na 1ª série, que beleza!

No mesmo instante R.F. passou a escrever com letra de forma o restante da atividade e dizia com convicção:

-Não, você não viu a minha letra cursiva bonita não! Eu nem sei fazer letra cursiva!

E a professora dizia:

- Claro que sabe! Você é muito inteligente!

E ele retrucava quase chorando:

-Não fale assim de mim! Não sou inteligente! Não sei letra cursiva e não vou para a 1ª série.

J.P. – 5 anos – 2007 - Síndrome de Asperger

Antes de entrar na sala, J.P. verificou se os pais haviam ficado do lado de fora. Era aula de ética e o professor Bruno estava contando uma história que divertia os alunos. J.P. sentou-se na frente dos colegas, porém de costas para o professor, que continuou sua aula. Ele prestou atenção nos colegas, e começou a mexer com alguns deles.

Depois de alguns minutos em sala, João se levantou, abriu a porta e viu que os pais ainda estavam lá. J.P. voltou sua atenção para a aula, sentando na mesma posição. Um dos meninos deitados no fundo da sala, chamou J.P. pelo nome, e, em resposta, ele se aproximou do menino e deitou em cima dele. O menino não se manifestou com o contato estabelecido por J.P., que se levantou e foi novamente mexer com os colegas.

Flávia - 8 anos - 2008 - Portadora de alguns traços de autismo

Flávia sempre foi tratada por todos na escola com cuidado e muito carinho e a preocupação maior sempre foi o seu bem estar físico e emocional. Sempre pensando em integrá-la à escola completamente, certa vez um a professora aproximou-se dela na hora do lanche e disse:

- Que linda a Flávia está comendo tudo direitinho!

Flávia olhou para a professora com muita seriedade e respondeu:

- Ê você está pensando que eu sou neném?

Sempre que os alunos chegavam na sala de aula a professora solicitava que eles colocassem as mochilas e lancheiras no fundo da sala, um dia ao chegarem, a maioria dos alunos não fez o combinado deixando as mochilas nas carteiras. Flávia, que já estava acomodada em sua carteira e a sua mochila já estava no fundo da sala, levantou-se e pedindo silêncio aos alunos, disse em tom mais grave do que o normal:

- vamos todos agora colocar as mochilas no lugar certo, porque senão eu não vou começar a dar a aula!

Flávia sempre muito atenta a todos acontecimentos ao seu redor nunca quis ficar para trás, quando a professora propunha uma atividade passada no quadro, ela mais do que depressa pedia que colocasse na página certa para ela poder começar a sua atividade. Ela rapidamente enchia a página do caderno de letras escritas aleatoriamente e gritava do seu lugar:

- Já acabei seus molengas!

Houve um vez em que atividade proposta foi um bingo de palavras e figuras. Durante a explicação das regras e da premiação a turma toda esteve atenta, inclusive Flávia. Então, foi dado início ao jogo, a professora "cantava" palavra por palavra, foi quando de repente Flávia grita: BINGO, BINGO, BINGO! Todos pensando que Flávia estava brincando, a professora pediu que ela jogasse direitinho e ela dizia:

- Estou jogando direitinho! Vem ver!

A professora foi verificar a cartela da menina e estava realmente correta, todas as figuras cobertas com feijão e ela então, exigiu o seu prêmio: um pirulito. Flávia recebeu o seu pirulito e disse:

- Ah tia dá um pirulito para eles também né, senão eles vão chorar!

Flávia sempre pedia para ir ao banheiro e não voltava, quando a professora ai verificar onde ela estava a encontrava andando livremente pela escola, visitando outras salas ou jogando pebolim sozinha. A professora dava uma bronca e dizia a ela que não a deixaria mais ir ao banheiro sozinha. Mas Flávia fazia promessas de que não fugiria mais e conseguia a segunda chance mas, fugia novamente. Foi então que a professora passou a cumprir o combinado não a deixando ir ao banheiro sem a companhia da monitora, mas Flávia, muito esperta, não queria a monitora com ela o tempo todo e começou a pedir para "fugir só um pouquinho" prometendo voltar logo e dizendo ainda que não iria ao banheiro, ia era dar mesmo uma volta. Ela sempre fazia isso, saía com permissão para a sua "fugidinha" e voltava logo realmente.